Ano III (Segunda epoca) — *Sabado, 14 de Março de 1908.* — Num 9.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580 · SÃO PAULO (Brasil

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organizar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

Congresso operario Estatoal

a realizar-se em S. Paulo nos dias 17, 18, 19 de abril.

Aderram até hoje:

DE S. PAULO

Sindicato dos Graficos.
Liga dos Trabalh. em Madeira.
Liga dos Pintores.
Sindicato dos trabalhadores em Pedra Granito.
Sindicato dos Transportadores de Tijolos.
União dos pedreiros e anecsos.
Liga dos Vidreiros de A. Branca.
Sindicato dos trabalh. em Veiculos.
Sindicato dos Metalurjicos.
União dos Chapeleiros.

SANTOS

Federação Local, com os seguintes sindicatos:

Pedreiros.
Pintores.
Carpinteiros.
Funileiros.

SÃO BERNARDO

Liga Operária, com os seguintes sindicatos:

Tecelões.
Trabalhadores em Madeira.

Liga Operária — **Campinas.**
Liga Operária — **Amparo.**
Liga Operária — **Espirito S. do Pinhal.**
Liga Operária — **Jundiai.**

A' pergunta: «Em que cidade do Estado acha a Liga que o congresso deve efetuar-se?», responderam indicando a cidade de S. Paulo todos os sindicatos desta capital e as Ligas de Campinas, Amparo, Jundiaí e São Bernardo.

A «Federação Local» de Santos, com 4 sindicatos aderentes, respondeu indicando como sede do congresso aquela cidade.

Em vista do rezultado do *referendum*, o Comité da Federação deliberou que o 2.° Congresso seja efetuado em S. Paulo. No mesmo será escolhida a sede para o 3.° congresso, a efetuar-se no ano prossimo.

TEMAS

E' necessario que as organizações continuem na atitude de completa neutralidade em frente dos partidos politicos?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Julio Sorelli.*

E' util que as Ligas façam propaganda antirelijoza?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Pylades Grassini.*

Quais os meios mais praticos para dezenvolver a propaganda de organização operaria?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Espartaco.*

E' conveniente que as organizações operarias procurem dezenvolver a propaganda antimilitarista por todos os meios ao seu alcance?

SIND. DOS PEDREIROS, SANTOS.
Relador: *Luiz La Scala.*

Qual deve ser a atitude das organizações operarias nos cazos em que as arbitrariedades das autoridades cheguem ao auje?

SIND. DOS PEDREIROS, SANTOS.
Relator: *Luiz La Scala.*

Haverá necessidade de mediação entre as Federações Locaes e Estadoais e a Confederações Rejional Brazileira?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS.
Relator: *Jozé Louzada.*

Será util a criação duma universidade popular para educação do proletariado?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS.
Relator: *Jozé Louzada.*

Continuaremos publicando os temas logo que nos forem remetidos pelas Ligas aderidas, pedimos, novamente, a maior urjencia para dar tempo de serem conhecidos e discutidos antes da abertura do Congresso.

A Sabotajem

O congresso dos camponezes de Reggio—Italia,—em cujas decizões influiram, para bem da verdade, os eternos intrometidos que só conheciam a enxada e o arado por os terem visto nalguma ilustração, rejeitou por grande maioria a tática da *Sabotajem*.

Todos os acólitos da burguezia regozijaram, e esfregando as mãos de contentes, têm continuado a dizer e a publicar asneiras.

«Afinal o bom senso voltou!

O capital já não tem nada a temer da nova loucura sindicalista; ninguem d'ora em diante se atreverá a estragar uma maquina. Que horror, se a sabotajem criasse raizes!

A propriedade é sacra e inviolavel, e os operários devem respeitá-la».

E continuando neste tom, lacaios e anfibios, tentam justificar com frazes cheias dum sentimentalismo barato, o que faz dêles outros tantos alvos dos protestos de todos os que raciocinam. E então falam-nos de heroismo, de moral, de corajem.

«Os operários devem ajir lealmente, dizem êles; nada de recursos ilegais, nada de *sabotajem*.»

Que importa que a desocupação, o cada vez mais numerozo ezercito de mizeráveis torne dia a dia mais dificil a vitória das greves pacificas? que importa que os patrões recorram a todas as artimanhas, a todas as incidias, a todas as velhacarias contro os operários, mandando-os prender pelos seus esbirros, quando não os mandam matar a tiros de carabina?

E preciso sermos herois, deixar os crumiros pôrem em movimento as máquinas, assistir estoicamente, com o estómago a dar horas, a vitória dos nossos esploradores. Se nos rebelamos, se pomos em prática a única nossa força, se á prepotencia dos patrões opomos a vingança que admoesta, então os paladinos da corajem—com a barriga cheia, os herois das mãos brancas e enluvadas, vêm enfurecidos gritar contra a *arma que trabalha na sombra*. Pobres diabos!!

***

Mas as frazes jezuitas passam, as ciladas esquecem-se, depois de nos terem feito rir por um minuto e os factos ficam apezar de tudo e de todos.

Cada dia se patenteia mais a necessidade de dar aos nossos movimentos um carater mais enerjico, mais combativo e mais promissor de vitórias.

A classe dos Chapeleiros de S. Paulo, a mais bem organizada, sofre hoje as consequencias duma tática que não corresponde ás necessidades da luta.

Não é justo que se deva, em ocaziões de greves, ajir esclusivamente contra os crumiros, que já o dissemos muitas vezes, são antes de mais nada vitimas dum estado de coizas criminozo e tirano; é precizo impedir a crumirajem com outros meios: pôr, por esemplo, as máquinas em condições de não poderem ser utilizadas, fazendo compreender aos patrões que se aceitarem crumiros, nós *por qualquer meio* tentaremos estragar-lhes a produção, inutilizar-lhes o maquinário. A lição servirá para os outros e não seremos a cada passo obrigados a fazer greve para reajir contra as prepotenciaes patronais. E não nos importemos com o que a burguezia e os seus lacaios possam dizer.

Ferocidades comparadas

O Times of India *publicou muito recentemente a estatistica anual das mortes atribuidas aos animais ferozes na India e referente a 1905.*

O número das vitimas foi de 2.045, contra 2.157 em 1904. Verifica-se que os elefantes selvajens mataram 48 sêres humanos, os lobos 153, os leopardos 40 e os tigres 786.

Esta estatistica não compreende as vitimas de mordeduras de serpentes; o número delas sóbe a 21.797, contra....... 21.880 no ano precedente. Sir Lander Brunton descobriu um remédio contra as mordeduras destes reptis, remédio que parece escelente e ao qual se tem atribuido a diminuição constante do número de mortes em consequencia délas.

A India tem 300 milhões de habitantes; e a proporção de 23.842 vitimas dos carnivoros e dos resptis parece infima, ao lado do número de sêres humanos que, nesse mesmo paiz, o capitalismo faz sucumbir pela fome, pela insalubridade, pelos acidentes do trabalho, etc, etc.

Por êles terem por ocazião de uma grève no seu estabelecimento, posto na rua centenas de pais de familia, pondo-os na impossibilidade de dar o pão aos seus filhos, e pelos sistemas escravocratas que em suas fabricas vigoram

Boicotai os produtos Matarazzo.

Operários!
Lêde a LUTA PRÓLETÁRIA.

NO LARGO DO ROZARIO

— Olá, João, para onde vais a estas horas?

— Homessa! vou p'ra caza!

— E donde vens?

— Da oficina.

— Da oficina? Como assim? Então, tu não trabalhas 8 horas? Não impuzeste com os teus companheiros este novo horário, na greve do ano passado?

— Sim, e de facto, eu só trabalho 8 horas: o resto é estraordinário; o patrão tem muita pressa do serviço faz nos trabalhar duas horas a mais por dia.

— E tu trabalhas essas horas estraordinárias?

— Por força! Que remédio ha? Quem manda é êle!

— Sê mais franco, João, dize antes assim: «Eu e os demais operários que trabalham na sua oficina *queremos ser mandadas por êle*». Neste cazo terás razão; do contrario, não!

Escuta, João! O patrão só manda os operários quando estes se deixam mandar.

Porque o patrão da oficina onde eu trabalho não nos manda fazer estraordinário? Isto é, êle já quiz esperimentar: um dia destes remeteu-nos o seu *puxa-saco* a dizer-nos que, como êle tinha pressa do serviço, trabalhassemos por favor uma ou duas horas a mais por dia, que êle no-las pagaria á parte.

— Então?

— Então, nós cá, como não queremos ser mandados, devolvemos-lhe o individuo com esta resposta, mais ou menos: que, se estava louco, se fosse curar a Juqueri; o horário era de *oito horas*: se tinha urjencia do serviço, puzesse mais operários a trabalhar. E, como de costume, ás quatro horas, saímos todos pela porta fóra. Ele danou-se, gritou, pintou o diabo: mas nem por isso arranjou nada: nòs continuámos a manter-nos firmes na hora da saída; 4 da tarde. Já vês, então que não é o patrão quem manda.

— De qualquer forma, porém, eu ganho mais do que tu.

— Então, dize isso! Confessa que és um egoista e que para ganhares *hoje* mais 4.000 reis por dia, não te importas com o mal que fazes aos outros teus companheiros de trabalho e a ti mesmo. Se todos fizessem como tu fazes nem já esses miseraveis dez tostões de aumento terias: o patrão já teria abolido o horário de oito horas e tu, eu, todos ficariamos nas condições de ha um ano.

— Como assim?

— Decerto. Não vés que os patrões são uns finórios de primeira agua e que se a gente não está de olhos bem abertos êles vão ficando prepotentes? Eu aposto a cabeça em como, se se começasse a trabalhar mais de oito horas, dentro dum mez ninguem mais se lembraria delas: e todos os nossos esforços ficariam perdidos.

— Havía, porém, o aumento de ordenado e já vês que é alguma coiza.

— Que bobo! Então, tu crês que os patrões não diminuiriam logo o nosso jornal? Apenas desaparecesse a urjencia do trabalho, êles aproveitariam a circunstancia para restabelecer os prêços antigos; e, então, já o nosso mal não teria remédio, pelo menos, de pronto.

Por isso é que lá na Liga nunca nos cançamos de dizer aos nossos companheiros: «o estraordinario é uma armadilha! cuidado com êle!» E todos os bons operários, os que não querem ser *puxa-saccos*, os que não são bajuladores, não fazem cazo das lamurias interesseiras e mentirozas, dos nossos algozes e *não trabalham mais que oito horas*. Os outros, os inconcientes é que se prestam a isso e fazem mal, muito mal.

— Então eu.....

— Sim, desculpa a franqueza João, tu és um mau companheiro, és um crumiro, és em nosso inimigo. E olha que não ganhas nada em nos ser contrario; porque, naturalmente, ámanhã quando o patrão já não precize, ou já não goste de ti e que tenhas que ir procurar trabalho a uma oficina onde haja operários concientes, estes, lembrando-se que tu foste um crumiro, não te deixarão entrar nela, impondo ao patrão que não te aceite. Porque fica sabendo, não é em todas as oficinas que o patrão pode fazer o que muito bem entende.

— Então, que devo fazer?

— Só uma coisa: àmanhã á hora do almoço põe-te de acôrdo com os teus companheiros da oficina e dize ao patrão: » olhe que aqui não se fará mais o estraordinario! Se quizer assim, muito bem; se não quizer, é o mesmo ».

— E se os outros não estiverem por isso?

— Procura convencê-los, e se isto te fôr de todo impossivel, deixa-os lá, com os diabos! que fiquem sendo crumiros: arrepender-se-ão depois... quando for talvez tarde para arrependimentos.

— E se o patrão me despedir?

— Irás trabalhar numa outra oficina; todos os companheiros trabalharão para te conseguir serviço noutra parte.

O que é certo é que o patrão não pega numa ferramenta qualquer para dar conta do trabalho — precisa de operários que lh'o façam; e como não ha, átualmente, em S. Paulo, operários da nossa classe dezempregados, será muito facil arranjar as coizas da melhor maneira.

Para concluir: olha, João, dado o prezente estado de coizas entre nós, não ha desculpa nenhuma para vossês; quem faz o estraordinario, fa-lo por malvadez, ou por crumirismo, ou por inconciencia.

— Tens razão! De àmanhã em diante deixarei de ser bobo e verás que não trabãlharei mais que 8 horas!

— Agora sim! Sê enérjico duma vez para sempre, sê homem, que diabo, e não consintas que ninguem te ponha o pé na garganta.

— Está direito. Bôa noite!

— Até ámanhã!

SERJIO.

TELEGRAMAS DA SEMANA

Tempo perdido. — A «Federação Nacional dos Empregados das Estradas de Ferro» da Italia presentarà á camara dos deputados um memorandum pedindo a readmissão no serviço dos empregados despachados em consequencia da ultima tentativa de greve.

Não tinham os orerários da Federação outro caminho a escolher? Porque o meio que acabam de por em pratica não da esperança nenhuma que os seus pedidos sejam aceites. Em todo cazo, veremos!

N. d. R.

Ajitações operárias. — Em Parma — Italia — acaba de declarar-se uma grande ajitação operária. Estão em greve os forneiros, sapateiros e trabalhadores de olaria. Receia-se que a greve se jeneralize.

Já começaram as negociações entre os patrões e o reprezentante dos grevistas Alceste de Ambrys.

E sempre *reprezentantes!* Mas será possivel que entre os grevistas não haja *operários* competentes para tratar dos seus interesses?

N. d. R.

Ameaças de greve no Rio. — Os varredores de S. Cristovão ameaçam de se porem em greve se não lhes será concedido um augmento de ordenado.

MASSIMAS E PENSAMENTOS

As massas são a força ou, pelo menos, o elemento essencial de todas as forças. Que lhe faltam então para derrubar uma ordem de coizas que detestam? Faltam-lhes duas coizas: organização e ciencia, que precizamente constituem hoje e têm sempre constituido a potencia dos governos.

Portanto: organização antes de tudo, o que aliás não se pode estabelecer sem o concurso da ciencia. Graças á organização militar, um batalhão, mil homens armados, podem ter e têm efétivamente submetidos um milhão de individuos, armados tambem, mas dezorganizados. Graças á organização burocratica, o Estado com algumas centenas de milhares de empregados, domina paizes immensos. Portanto, para criar uma força popular capaz de esmagar a força militar e civil do estado, é precizo organizar o proletariado.

E' isto o que faz a «Associação Internacional dos Trabalhadores» e o dia em que ela tiver recebido e organizado em seu seio, a metade, a terça, a quarta ou somente a decima parte do proletariado da Europa, o estado, os estados da Europa terão cessado de existir.

M. Bakounine.

Fora da igreja não ha salvação

Esta mássima dos padres cristãos me occore á mente todas as vezes que assisto a alguma reunião operária em que tomam parte os companheiros mais àtivos.

Ainda na ultima reunião dos Conselhos dos Sindicatos O. desta Capital, discutindo-se sobre a orientação da *Luta Proletària*, a critica de um meu colega foi abafada pela enerjica repulsa dos companheiros que não admitem outra tàtica que não seja a dêles.

Entretanto, as observações do meu colega tinham razão de ser porque, efètivamente, no jornal têm sido publicados escritos em contradição com a primeira parte do artigo 5 das bazes de acôrdo da Federação.

Parece-me que a *Luta Proletària* podia tratar de mutualismo e beneficiencia sem prejudicar a àção principal — a rezistenzia e a luta no terreno economico — em vez de se aprofundar na questão anti-militarista, em vez de fazer propaganda anti-eleitoral e apregoar a dezerção da igreja.

Entre os trabalhadores encontram-se crentes de diversas relijiões e adeptos de diversas teorias politicas; portanto, para que possa haver coezão na àção operària è necessario que a luta economica não resvale para o terreno politico ou relijioso.

A questão militar aprezenta uma parte que pode ser tratada nas nossas associações, porém, não deve ser o anti-militarismo, porque, se nas associações operàrias se quer combater o militarismo, a relijião, o patriotismo e o estado, então, anule-se o artigo 5 das bazes de acôrdo, os equivalentes dos estatutos dos sindicatos e proclame-se francamente a anarquia.

8—3—1908

AMBROZIO CHIODI.

Nem uma palavra por nossa conta.

Na reùnião dos Conselhos dos Sindicatos de S. Paulo do dia 5 do corrente pedimos, como era nosso dever, a opinião dos companheiros a respeito da redação do jornal. O facto da proposta de um reprezentante dos graficos, — não abafada como diz o amigo Chiodi, mas amplamente discutida — não ter tido eco na assembleia que a rejeitou quazi por unanimidade, demonstra que a orientação da *«Luta Proletaria»* corresponde ás ideias da maioria dos companheiros e têm a sua aprovação. A èles, portanto, e não a nós cumpre o dever de continuar a discussão sobre o assunto trazido à baila pelo companheiro Chiodi.

Por nossa parte, aceitando por inteiro a responsabilidade que nos cabe, declaramo-nos prontos a receber os conselhos da maioria dos nossos companheiros, desde que a orientação que démos á «Luta» deixe de ter a sua aprovação.

N. d. R.

IMPORTANTE

O *Boicott* á caza F. Matarazzo está quazi esquecido, os operários já não cuidam dêle e, ao que parece, perdeu grande parte do seu valor.

Isto não é nada bonito: descuidar duma iniciativa no momento em que seria mais necessaria a átividade, quando os resultados da mesma dependem da bôa vontade e da enerjia de todos, descuidar, dizemos, duma coiza cuja utilidade se patenteia claramente é sinal de falta de conciencia.

Nos paizes onde os operários ajem e ajem deveras com conciencia de si e de seus direitos *os boicotts* têm sido sustentados com enerjia e coragem por anos e anos e um bom ezemplo é o da cervejaria *Guinles* de Buenos-Aires que foe obrigada a ceder ás impozições dos sindicatos operários de lá e isto *depois de 3 anos de luta.*

Em S. Paulo o que se tem feito? Nada ou quazi nada!

No principio tudo fazia esperar bem e os companheiros todos se interessaram para levar á frente *o boicott*. Passados os primeiros mezes o entuziasmo esfriou por completo e agora já quazi não se fala mais dèle. Porque? Por falta de conciencia, por falta de enerjias por parte de todos os companheiros de S. Paulo e do interior. Entretanto as esperanças ainda não são perdidas *in totum*. Se os operários, se os nossos sindicatos quizessem o *boicott* teria quanto antes uma solução satisfátoria para todos.

O senhor Matarazzo, que zombou de nós quando, apóz a sua velhacaria, o ameaçamos com *Boicott* tem-se visto apertado e já deve estar convencido de que, quando nosotros queremos, não ha força, não ha soberbia que rezista á nossa vontade. Já. e os companheiros estão cientes disto, tem êle tentado uma conciliação que não deu rezultados, mas os rezultados podem e devem vir desde que a propaganda do *boicott* volte ao entuziasmo de outros tempos.

O *boicott* á casa Matarazzo será trazido pela Federação á discussão do prossimo congresso para ver os meios mais praticos de lhe dar novo impulso; mas até lá é necessario que as ligas do interior, os sindicatos de S. Paulo tomem novamente a peito esta iniciativa e que procurem ajitar novamente a opinião publica no sentido de despertar-lhe o entuziasmo em favor do *boicott*.

Não podem as Ligas do Interior informar-nos do nome dos proprietarios de armazens onde os produtos do Matarazzo são postos a venda?

Não podem os companheiros de São Paulo dizer-nos se nos arrabaldes da cidades continua como em tempo a aceitação do *boicott*?

Por nosso lado dedicaremos ao *Boicott do Matarazzo* uma rubrica em todos os numeros do jornal e alí iremos publicando todas as informações que os companheiros trasserem ao nosso conhecimento. O importante é que todos ajam e que procurem, com ezemplo e com a propaganda. o progresso desta iniciativa.

Despertai, portanto, operários! E' questão de dignidade!

Ainda o Jaime

O sr. Jaime deu-nos o incomparavel prazer de mais um artigo sobre a classe operària.

Depois da publicação dos conceitos que a Liga entendeu de opôr às suas diatribes furibundas, todos estavamos na espectativa.

Depois de terem rodado uns 10 soes por cima de nossas cabeças é que numa manhã nos surjiu o «Comercio» com um artigo subscrito pelo individuo acima e que indubitavelmente constituiu uma especie de resposta.

Como vêem o parto foi demaziado laboriozo, mas, contudo, vamos vêr que qualidade de ratinho pariu a montanha.

O homem não fez aluzão direta de modo nenhum. Mas atravez da sua linguajem nebuloza, transpirava claramente o despeito que lhe ia no intimo.

Quem estava no segredo da coiza não precizava de dar tratos á imajinação para o compreender.

Assim, trata de diversos assuntos num só artigo e nas suas entrelinhas é que se deixam adivinhar os seus própozitos.

Ele forja um suposto estranjeiro com quem conversa amiude e com o qual troca impressões e que pela sua conversa se vê estar impregnado de ideias dos autores socialistas e anarquistas «sanguinarios e ezaltados autores» e ter observado a muita mizéria da Europa.

Mas que aqui não se dá o mesmo que lá, e ha mássima conveniencia em se unirem os esforços de operários e patrões, para levarem a obra a cabo... Não fujo á tentação de transcrever um trecho. Ei-lo: «Se em outros lugares e paizes ha necessidade e conveniencia, para o trabalhador, em viver àlerta e de prevenção, contra a volta de lezivos abuzos do capital, neste paiz, apenas ha conveniencia, para os operários, em se agregarem afim de escorraçar os artigos da industria alheia, e mais largamente poderem fruir todos os beneficios da mutualidade».

Este é um dos tantos que pretendem insinuar que no Brazil não ha problema economico, não ha mizeria, não ha questão social a rezolver.

Só a ignorancia, ou a falta de senso é que podem dar lugar a tanta asneira.

Só quem não observou, quem não viu *de vizu* a povoação do Ceará imigrar em massa, acossada pela fome e pela inclemencia do sol, para o alto Amazonas, ser vil e infamemente esplorada pelos negreiros que por lá pululam, esplorando-a como seringueiros, onde levam, onde arrastam uma vida dèsgraçada, uma vida que é um completo inferno e onde perecem quazi todos pela febre que os devora, ou pela fome e más aguas que injerem.

Quem pôde ver de perto uma leva daquêles mizeraveis, engajados e enganados, num vapor, acamados como sardinhas em canastra, numa completa promiscuidade — homens, mulheres e crianças de mistura com galinhas, porcos, cabras e carneiros — é que pode tambem afirmar se o problema da mizéria está rezolvido ou não.

No Brazil ha muitas riquezas! Efetivamente, nas mãos dos que as teem: capitalistas, banqueiros, fazendeiros, bispos, padres, ministros, deputados.

Os «sem eira nem beira», aqui, como em qualquer outro ponto do globo, andam estarrecidos, depenados, com a barriga a dar horas e sem vintem no bolso.

E' o cazo de aplicar aqui aquéla fábula do burro que se opôz a fujir dos ladrões quanda lho ordenou o patrão:

— Foje que te levam. Anda daí senão ficas sem mim...

— Para que? responde o burro. Deixa-me pastar. Foje tu se te apraz; o nome do amo pouco me importa. O nosso inimigo, dos pobres, dos escravos, não é quem tu dizes, não é o teu inimigo; o nosso inimigo é o nosso amo, seja êle quem for».

Assim, tambem, a questão de espulsar a industria estranjeira. Que nos importa a nós sermos esplorados por francezes ou inglezes, por alemães ou italianos ou brazileiros? Não são todos os mesmos carrascos, os mesmos escravocratas dos seus operários?....

Os operários devem ter o maior empenho em estinguir todos os patrões, em acabar com essa casta de parazitas, de vermes, mas não em substitui-los. Os patrões nacionais são tanto ou mais sovinas que os estranjeiros. E' uma classe que em todas as partes segue a mesma regra de conduta: devorar vidas, estinguir enerjias, depauperar organismos.

Essa tão sonhada armonia entre operarios e patrões não passa de pura blague.

Entre comprador e vendedor não ha compatibilidade. Um dezeja vender o mais carō possivel, com a agravante de corromper, deturpar os generos; o outro dezeja comprar o mais barato possivel. E decididamente o comprador terá de ficar prejudicado; do contrario o que vende, dará com os burros na agua.

O mesmo acontece entre o esplorador e o esplorado. Não ha acôrdo possivel. Um dos dois tem de ser roubado. E como os patrões andam gôrdos e bem dispostos, sem nada produzirem, ao passo que os operarios, trabalhando e gemendo, andam sempre enfermos e debilitados até que a morte os leva, rezulta em face da constatação desta verdade que são os operarios, os roubados.

Mas acontece que numa grande parte, neste paiz, a industria é estranjeira porque cá dentro, não estão ainda habilitados para prover ás necessidades do mercado.

Como se concebe, pois, que esta gente aconselhe a espulsar a industria?

E quem fornece depois os generos paro o consumo! Os nacionais? Mas se eles não contam ainda com elementos?

O tal sr. Jaime, um menino prodijio, que aos dôze anos já era louvado pelos seus progressos em francez e portuguez, continua fazendo insinuações de todo o feitio. Agora foi com a éscola que se entremeteu. Ora vejam:

«Se a abertura das escolas obedece ao plano oculto de possibilitar, ao nosso operariado, a leitura de livros e artigos banidos pela policia alheia, como subversivos da ordem social etc.

Convem que se saiba a conceção pue formamos do que deve ser uma escola.

A escola deve tender ao ensino das verdades verificadas pela ciencia esperimental, estranha a toda a classe de sectarismos, relijões, partidos ou sinagogas.

Depois do individuo estar de posse dos meios de conhecer duma maneira aprossimada, a verdade, que pense ou que proceda como êle entender. Na escola, porem, não se lhe dá essa orientação.

Campinas.

UM SOCIO DA LIGA.

Não compremos os generos de F. MATARAZZO & C.

Do Rio de Janeiro

Confederação Operária Brazileira

Resumo da àta da reunião dos delegados á Confederação Operária Brasileira realizada no dia 6 do corrente.

Abriu-se a sessão com a presença dos delegados das seguintes associações: da Capital: Pelo C. dos Marmoristas, J. Arzua dos Santos; Carpinteiros e Pedreiros, José Perdiz; Associação dos Chapeleiros; Manoel N. Gomes; Ladrilheiros, Pedro Martins (1). Do Estado de S. Paulo; Pelo Sindicato dos T. Graficos, Eugenio Leuenroth, Tecelões, Pedro Vilas: União dos Chapeleiros, J. Soares Braga; Trabalhadores em Madeira, Luiz J. França; Alfaiates, José Cipriano de Souza; T. em Olarias, Manuel Domingues: Transportadores de Tijolos, Salvador Alacid; Trabalhabores em Pedra e Granito, Ramiro Moreira Lobo; Liga de Campinas, Luiz Magrassi; União Operária de Ribeirão Preto, João Ferreira da Silva; Oficios Vários de S. Bernardo, José Pampuri; Liga de Jundiaí; Manuel Moscoso; Carpinteiros de Santos, Candido da Costa; Pintores de Santos, José Romero; Liga de Amparo, Manuel G. de Oliveira.

O secretario da leitura a algumas cartas de outras associações e comunica que já foram enviados a S. Paulo os nomes dos camaradas indicados para representar as associações na Confederação. São aprezentadas pelos delegados duas credenciaes dos Pintores e Carpinteiros de Santos,

Um camarada propõe que se espere a recepção das credenciaes e a nomeação dos delegados de algumas associações aderidas da Capital, do Estado de S. Paulo e de Porto Alegre, para nomear a comissão definitiva, podendo ser nomeada apenas uma comissão provizória para levar avante os trabalhos. E' aceita esta proposta sendo nomeiados os companheiros Ramiro M. Lobo, Eugenio Leuenroth e José Pampuri.

Esta comissão ficou encarregada de convocar uma segunda reunião quando estejam nomeados os delegados de todas as associações aderidas, na qual será nomeada a comissão que deverá por em actividade a Confederaçac.

Após a discussão de assuntos internos e de pouca importancia, levantou-se a sessão.

(1) Desta Capital aderiram mais associações, quando se convocou esta reunião não haviam nomeiado ainda os delegados.

Alguns delegados de S. Paulo e Santos não compareceram por não ter recebido o avizo da reunião a tempo. Noutro n. serão publicadas as associações aderentes que deixem de sair neste.

Sindicato de Carpinteiros Pedreiros e anecsos

Tendo este sindicato passado por serías dificuldades convocou uma reunião dos seus associados para deliberar se se devia ou não continuar na luta e na propaganda á qual se tem dedicado.

Entre calorozos debates ficou rezolvido que jamais devia desaparecer uma sociedade criada para a luta e que tem a tarefa de defender os interesses dos operários.

Para tal fim, foi deliberado organizar uma nova comissão administrativa composta de companheiros que se achem em condição de dedicar a sua átividade ao Sindicato e que ofereçam os seus serviços.

Esta comissão ficou assim constituida:

1.º — segretario: LUIZ DE FRANÇA.
2.º — » : JOSÉ RODRIGUES.

Liga operária de Jundiaí

OPERARIOS

No domingo 15 do corrente esta Liga comemora o 2º aniversario da sua fundação.

A esta festa que tem para nos um significado muito grande pois vem demonstrar que, apezar das guerras que nos foram feitas, apezar da ma-vontade da maioria dos operarios, a Liga continua em seu posto de combate e continuará por muito tempo ainda exercendo a sua áção renovadora de conciencias proletarias.

OPERARIOS

Todas as peripecias, todos os acontecimento de dois anos *de luta não abalaram por nada o nosso entuziasmo.*

A Liga de Jundiaì que já esteve á avanguarda do movimento operário do Estado comemorando seu 2º aniversario espera, tem fé, que voltará a ser, como um tempo, um baluarte temivel pelos nossos inimigos que têm-se aproveitado até agora da nossa dezorganização para umiliar-nos até não poder mais.

Para abrilhantar a nossa festa, para tirar déla as maiores proveitos possiveis decidimos realizar neste dia uma conferencia de propaganda *e para tal fim estará em Jundiaí o nosso querido amigo e colega Julio Sorelli e um reprezentante da Liga Operaria de Campinas.*

Vos convidamos, operários, para tomar parte a esta festa que é festa proletaria, que vôs pertences. Vindes, companheiros, á Liga Operaria, *façais que as nossas boas esperanças sejam realizadas.*

O CONSELHO
DA LIGA OPERÁRIA DE JUNDIAÍ.

Funções educativas do Sindicato operario

O mundo burguez faz do homem o inimigo do homem, estabelece uma concurrencia dezenfreiada e immoral, faz do operario um ser invejozo, avarento, egoìsta, impulsivo, ingrato, traidor dos seus companheiros, supersticiozo e ignorante. E ao mesmo tempo que lhe censura as más qualidades, impede-lhe de elevar-se e despolhar-se de todas estas coizas odiozas.

Como a perfeiçoa-se, onde educa èle o seu coração, eleva os seus sentimentos. desenvolve a sua personalidade fizica, intelétual e moral? Não é, pela certa, de baixo do impulso dos sermões relijiozos, de discursos patrioticos ou de conferencias dos moralistas.

As palavras, de qualquer cor êlas sejam, de qualquer escola derivem não transformam. E' a mesma vida que muda, modifica e dá nova forma. No campo do trabalho, na oficina ou na fabrica, reina para conveniencia dos esploradores a mais enfurecida concurrencia entre os operarios. Eles se olham como inimigos; se tratam como na guerra, procurando eliminar-se uns aos outros.

A Liga de rezistencia que os une para a defeza de seus interesses, demonstra-lhes com os mesmos factos todo o prejuizo desta pratica de odioza concurrencia, e procura destrui-la fazendo dos operários, que eram inimigos na oficina, outrostantos amigos, e com uma unica e identica aspiração: luta e emancipação.

No sindicato se pratica a solidariedade de irmãos, que, ezercida todos os dias e em todas as ocaziões, destroi a obra da sociedade burgueza transformando o operário.

Por meio da pratica sindical o operário torna-se conciente dos seus deveres para com os seus companheiros de trabalho. Aprende a ama-los, respeita-los, defende-los, porque néle se despertou uma nova conciencia de classe, que na oficina não ezistia quando a concurrencia era a lei suprema de toda a vida.

Por meio da pratica sindical o operario carneiro tende a não ezistir. A áção critica, a perseguição, a indiferença para com os traidores formam a atmosfera moral que transforma os operários, ou torna impossivel a sua vida nêla.

Por meio da pratica sindical, destroi-se todo o sentimento de cobardia, de submissão e de espera. Os homens tornam-se rebeldes, aprendem a não esperar nada, mas ezijir e alcançar tudo o que precizam, a realizar dirétamente os seus esforços sem tutelas nem mediações; dão valor ao proprio *eu* e o ezercitam em combinação com o dos seus companheiros. Aprendem a levantar a cabeça sem medo, sem receio, a dar valor à sua obra na produção e a ter conciencia déla.

Por meio da pratica sindical substitúe-se o milagre, ou a esperança, pela a fé escluziva nas suas proprias forças; a considerar que a alavanca mais poderosa para a emancipação operaria é o esforço e a capacidade dos proprios operarios.

O sindicato faz dos operarios, combatentes e transforma todas as ideias que a pratica burgueza lhes havia infundido. Faz homens novos, batalhadores capazes de se sacrificarem pela sua classe, inimigos do parazitismo e das injustiças.

E é por isto que os operarios devem dedicar todas as suas enerjias, todos os entusiasmos e todos os momentos da sua vida á formação, vida e progresso do sindicato.

BARTOLOMEU BOSIO

Cari compagni della "Luta„

Chiedete le nostre considerazioni rispetto allo sciopero dei Cappellai? Io son franco:

I cappellai hanno lottato da eroi fino all'ultimo, han dimostrato di avere una buona coscienza ribellandosi alle pretese dei loro sfruttatori e non si può far loro nessuna colpa se le cose sono andate... come sono andate. Ma... c'è un ma; i cappellai non vogliono ancora capirla che bisogna farla finita coi sussidi in caso di sciopero, e si che s'è detto tante volte: quando gli operai fanno sciopero fidando sul sussidio, 90 volte su 100 succede che si va avanti a forza di spintoni per una quarantina di giorni, si sta in casa senza muoversi, ossia ci moviamo solo quando c'è da andare a prendere i soldi o il mangiare alla società, intanto il padrone ingaggia crumiri, ristabilisce il funzionamento nella fabbrica e ci troviamo ad aver dato fondo, non solo alla cassa della nostra Lega ma anche a quelle degli altri sindacati senza guadagnar nulla. Invece quando prima di iniziare lo sciopero si dice francamente che non bisogna contare coi denari — perchè i padroni hanno più denari di noi e vincerebbero dicerto — e che perciò bisogna che lo sciopero abbia una soluzione immediata; in questo caso tutti cercherebbero di agitare l'opinione pubblica, ognuno penserebbe di lasciare la fabbrica in condizioni che i crumiri non potessero lavorare, insomma in tutti i modi non si avrebbe un doppio disastro, ossia perdere lo sciopero e sperperare 4 o 5 *contos* di reis inutilmente.

E' inutile: senza spirito di sacrificio le battaglie per l'emancipazione nostra non si possono combattere,

EMANUELE LA PASTINA.

Crumiri!

Operai, volete conoscere tre crumiri di primo pelo? *Andate all' officina di* carpintaria — *Alameda dos Andradas 9 — del famoso Ramom Moncanil.*

Li potete conoscere subito:

A destra il primo crumiro col marchio dell' infamia in viso; il secondo, cioè quello di mezzo è il montone più grasso e più lanoso che esista sulla terra e lo si vede subito dallo sua faccia da idiota, il terzo si fa conoscere per un gran gesuita: anche a quattro metri di distanza.

E nell' officina troverete senza dubbio il guardiano — *che loro chiamano padrone — con un grosso bastone in mano.*

E guai a chi di loro alza la testa, guai a chi non fa il suo *dovere! Son legnate da orbi!*

Per ora basta che li conosciate di vista, *quanto prima faremo la grande presentazione e vi diremo come dovete chiamarli perchè voltino il muso caprino.*

ACERBI QUINTO.

Alle madri operaie

A voi, madri affettuose, voglio rivolgere questo mio povero articoletto, ch'è l'espressione d'un cuore giovane di operaia e di figlia affezionata.

Molte cose vorrei dirvi, mammine care, poichè voi sole potete sentire nella sua immensità, le sofferenze, lo sfruttamento al quale son fatte segno le vostre care figliuole nelle officine di costura.

Ma, cosa volete? altre dovrebbero agitare sul serio una questione così importante, non io che posso a mala pena strappare alcune ore al mio ristrettissimo riposo alla sera allorquando ritorno dall'officina, esausta di forze fisiche e di energie mentali.

Non vi siete mai accorte come deperiscono le vostre figliuole, giorno per giorno? non avete fatto mai riflessioni nei loro visi dove vi si legge l'anemia? non vi siete mai avvedute che esse perdono tutta quella vivacità dello sguardo che avevano prima d'internarsi in quegli ergastoli senza aria e senza luce?!

Ditelo francamente, o buone madri, non riscontrate nessuna differenza nelle vostre care figlie da quando entrano in una di queste officine di costura a quando ne escono, dopo 3 o 4 anni di lavoro?... Non vi avvedete che facendole sfruttare così barbaramente e vigliaccamente da questi insaziabili vampiri, voi preparate un tristissimo avvenire a queste vostre figlie? E quando esse saranno maritate, non saranno più vispe come nei primi anni della loro giovinezza; non potranno neppure sentire la intensità del loro amore.

Avranno poi dei figli?...

Ah! poveri piccini! poveri infelici, anemici prima di nascere! E come potrebbe essere altrimenti dal momento che nascono da una madre che nella sua gioventù, nei più begli anni della sua giovinezza fu sfruttata — dagli ingordi ladri, dai padroni — come si sfrutta una macchina di ferro! basta che ingrandisca il suo negozio e la sua borsa, il resto che vada al diavolo!

E che importa ai padroni se questa operaia che sfruttano inumanamente, quando avrà costituito una famiglia, metterà al mondo dei degenerati senza forze e senza intelletto?... E cosa deve importare a loro se buona parte di queste vostre figlie muoiono tisiche a 17 o 18 anni?!

Perchè, quando questi ladri obbligano le vostre figlie a lavorare fino alle 10 o le 11 di notte, non andate là, e le portate via? Non ne avete forse il diritto? Non è sangue del vostro sangue? Perchè rendervi complici di tante vigliaccherie in loro danno!

Ditemi, o madri, dopo 5 o 6 anni di lavoro continuo ci resta qualche cosa? Io dico subito di no, giacchè quel poco che si guadagna non ci basta, dovendoci comprare: e scarpe, e vestiti, e medicine. Sì, anche medicamenti!

Ma i padroni invece arricchiscono sempre di più, vanno avanti a gonfie vele.

Cominciano con dei piccoli bugigattoli e finiscono con ingrandire i loro negozi di mode in una maniera veramente meravigliosa.

Ad esempio voglio citarvi le seguenti case:

Casa Bonilha — Mundo Elegante — Palais Royal — Casa Meirelles — Casa Amburgueza, e tante altre ancora ch'è inutile enumerare.

Perchè quando questi ingordi si lamentano, con le loro operaie, con le vostre figlie, che non guadagnano abbastanza per le spese, non gli rispondono in questo modo?

Diteci *signor padrone:* Come avete fatto ad arricchire ed ingrandire il vostro negozio in pochissimi anni, anzi in pochi mesi? Forse con il lavoro che non avete mai fatto, non è vero? Forse con l'ingegno che non avete mai avuto?

Ditegliełо voi, o care madri, come arricchirono!

Sì, gli egregi vagabondi, per arrivare a queste floride posizioni, hanno sfruttate sempre, e continuano a sfruttare ignominiosamente le vostre povere figlie!

Essi usurpano 9 parti su 10 del prodotto del loro lavoro!

Voi, egregi aguzzini, non aveve ore straordinarie nei vostri ergastoli; tutte le ore che ci fate lavorare anche fino a mezzanotte, valgono per ore ordinarie, per ore di semplice giornata! Ci obbligate a terminare un vestito? ebbene, il lucro lo tenete tutto voi; nessuna gratificazione avete mai data alle povere ragazze che si struggono la vista e la salute per lavorare con la luce elettrica o con il gaz, per empirvi le vostre avide saccoccie!

Dunque, buone madri, voi sole potete opporvi a tanto vergognoso sfruttamento praticato in danno delle vostre tenere figliuole. Fate che cessi una buona volta, tale delitto! Se voi permettete la continuazione d'un tale stato di cose, ciò vorrebbe dire che volete la infelicità delle vostre care, del sangue del vostro sangue.

Andate alla sera in questi ergastoli, quando è già l'ora che han lavora[illegible] abbastanza, e strappate le vostre [illegible] alla prepotenza di questi negrie[illegible] tatele via perchè son vostre; [illegible] ne avete il diritto, e nessuna [illegible] nessuna emanazione per grand[illegible] sia, può impedirvelo! Divers[illegible] sarete le complici d'un triste [illegible] che si prepara alle vostre ragazze.

Fin d'ora vi sarò riconoscente anche a nome di tutte esse per quello che farete per noi.

AIDA L.

AI MURATORI

Compagni!

Vero è che, fin dal 14 Maggio dell' anno passato noi godiamo *l' orario di 8 ore* di lavoro — orario ch' è costato tanti sacrifici alla nostra classe ed a tutto il proletariato di S. Paulo — ma non per questo, credetelo, abbiam raggiunto l'apice delle conquiste operaie. Pensiamo quanto cammino ci resta ancora da percorrere! Diamo uno sguardo al presente: non vi accorgete come sono rincarati i generi di prima necessità? Non vedete che già qualcuno dei nostri aguzzini cerca *violare* il nostro orario? Rammentatelo bene: Non è tanto difficile ottenere una vittoria, come sapersela mantenere.

Prendiamo esempio dai nostri sfruttatori: essi quando si tratta del loro interesse son sempre uniti per opprimerci, per sfruttarci a più non posso; e vanno sempre d'accordo. Invece noi siamo buoni soltanto a farci della concorrenza spietata a tutto profitto dei signori padroni.

Compagni:
pensate che retrocedere anche di un passo solo non sarebbe solamente per noi un male fisico e finanziario: ne và di mezzo anche il morale, essendo questa l' unica viltà che noi si potrebbe commettere.

Perciò, ascoltate il consiglio di un vostro compagno, accorrete tutti alla nostra lega, uscite una buona volta da questo sonno letargico e vergognoso, e allora tutti uniti, sempre compatti non solo faremo rispettare ciò che abbiamo guadagnato ma ci incammineremo per altre vittorie ancora, fino alla completa emancipazione.

Viva l' organizzazione! Viva le 8 ore!

S. Paulo, 8-3-908.

UN MURATORE.

Cronica Internacional

França

Contra a Confederação G. do Trabalho

Quando se deu a ajitação dos vinhateiros do Meio dia, a Conf. G. do Trabalho protestou, num manifesto, contra os morticinios de Narbonne. Esse manifesto foi processado, primeiro por *injúrias ao ezército* (pena massima: 1 ano de prizão) e oito dias depois por *instigação dos soldados á dezobediéncia* (pena mássima: 5 anos)! Entre 77 membros da Comissão Confederal, co-autores do manifesto, a «justiça» escolheu arbitrariamente dôze — os unicos que foram interrogados e que, na data dos ultimos jornais aqui recebidos, iam ser julgados! Contra estas arbitrariedades, publicou a Comissão Conferal um manifesto á opinião publica.

A sabotajem

Em *La Voix du Peuple*, órgão da Conf. G. do Trabalho, Pouget publicou um artigo, muito comentado, definindo e defendendo a sabotajem — «uma das formas da acção directa». «A má paga, mau trabalho» eis o principio.

«De facto, a sabotajem sempre foi instintivamente praticada pelos esplorados. E era natural e lójico que assim fosse! Seria precizo ser refràctario a todo sentimento de independencia, castrado de todo espirito de revolta, mais humilde que Cristo, estendendo a outra face a outra bofetada, para aceitar dar *bom trabalho* em troca de *mau salário*».

Mas a sabotajem só é um meio de combate na luta de classes, uma *arma social*, não tomando a forma duma *deterioração sistemática das máquinas e dos produtos* fora das necessidade da luta. Um revólver é uma boa arma de defeza, mas disparar sobre os tranzeuntes para ezercicio é abuzo. O operário não pode empregar em proveito da comunidade os produtos, porque não dispõe déles nem dos meios de produção. Hoje a questão entre êle e o patrão, que é uma questão de necessidade vital, e não de direito entre seres equivalentes, não o deixa mesmo escolher meios de defeza. A sabotajem é uma consequéncia directa do rejimen capitalista; á forma mais húmana do salariato, o pagamento por tempo de trabalho, corresponde a forma mais humana de sabotajem, aquela que se refere á *quantidade* — quanto menos salario, menos trabalho (o que elava o salário e dá lugar a outros trabalhadores); á peor forma de salariato, o pagamento por obra, infame e ezaustivo, corresponde a sabotajem sobre a *qualidade* (sobretudo durabilidade do produto). A sabotajem deve procurar ferir o menos possivel o público e o mais possivel o patrão; quem a ezerce contra o público é sobretudo o patrão, que falsifica géneros e deteriora todos os produtos, para ganhar muito e de pressa.

Ezemplo de sabotajem

O cruzador «Friant», que devia partir com soldados para Marrocos, teve de ficar no porto, porque nos lubrificadores duma máquina fôra introduzida limalha de ferro. Alguem condenará esta sabotajem civil contra a guerra, contra a barbaria? E como esta, muitas outras se poderão aplicar em circunstancias felizes.

Alemanha

Greve e lock-out de Crefeld

Foi uma batalha que terminou por uma derrota para os operários tecelões. Os chefes das 3 grandes organizações operárias centralizadas — uma socialista, outra cristã e outra conservadora — recuzaram sustentar os grevistas e intimaram-lhes a volta ao trabalho no dia 7 de janeiro. Depois, cada uma atribuiu a culpa da derrota ás outras duas; e os operários..... atribuiram-na a todas. Fruto das divizões cauzadas pela política e pela relijião.

Béljica

Greve de Hasard

Semelhante a esse foi o cazo da greve de mineiros de Hasard, em cuja comissão de defeza predominavam os libertários. Por isso, não teve a simpatia da «Comissão sindical». Um socialista declarou que a Comissão «quiz dar uma lição à gente de Liege»! Por questões politicas, deixa-se perder uma greve!

Austria

Greve em Praga

Outro cazo ainda. Em Praga (Boémia) foi derrotada a greve de padeiros. Havia doi sindicatos: um socialista democratico e outro social-nacional. Terminada a greve, cada um acuzou o outro de traição.

Obstrucionismo

Antes do Natal, os empregados do correio, para apoiar a suas reclamações, empregaram o *obstrucionismo*, essa forma de rezisténcia passiva, inaugurada pelos ferroviarios de Italia, e que conciste em ezecutar à risca os regulamentos, absurdos e inaplicávels, mas aprovados pelas «altas competencias»...

Os deputados, prometendo-lhes a reforma, conseguiram que não proseguissem. Veio a refoama, mas em seguida o ministro demitiu grande número de empregados para economizar neles o aumento que dera aos outros.

Congresso operário na Boémia

Em 25 e 26 de dezembro realizou-se o congresso anual da «Federação de todos os Oficios da Boémia».

Segundo o relatorio da Comissão, o sindicalismo progredira; de agosto a dezembro, penetrou-se em 30 localidades novas e fundaram-se 22 ligas locais, fundando-se e filiando-se na federação geral a Federação dos empregados ferroviários.

Quanto à *neutralidade*, alguns anarquistas preconizaram os sindicatos esclusivamente anarquistas, mas outros oradores (tambem anarquistas) defenderam a independéncia dos sindicatos em frente de todos os partidos políticos e escolas filozóficas, e foi esta a opinião vencedora, por unanimidade, menos 4 votos.

Rezolveu se aceitar na Federação a adezão de sindicatos de outras rejiões da Àustria. Foi tambem decidido promover a aliança internacional das federações operàrias, que seguem o principio da autonomia sindical em frente dos partidos e a neutralidade politica.

Liga dos Pedreiros e annecsos

No dia 10 de Março foram entregues os talões para proceder á cobrança das quotas mensais, aos seguintes companheiros para tal fim encarregados:

Vincenzo Raucci para o Bom Retiro.
Pietro D'Arrigo para o Bexiga.
Giuseppe Julini para o Cambuci.

Convidamos os outros companheiros nomeados como cobradores na assembleia do dia 30 de Novembro 1907:

Rocco Giuseppe — Braz.
Giuseppe Bergamaschi — Villa Mariana.
Giuseppe Serrazanetti — Barra Funda,

a comparecer na nossa sede, afim de receber os talões para as cobranças.

O CONSELHO.

Sindicato dos Trabalhadores em pedra granito

BALANCETE DO 3.º TRIMESTRE

ENTRADAS

Ezistente em caixa, do trimestre passado	1:175$800
Mensalidades recebidas	342$000
Total, entrada	1:517$800

SAIDAS

A' Federação, pelo jornal	50$000
Aos Chapeleiros	50$000
Alugueis de caza	60$000
A Fanuchi—gratificação pelo servico do monumento	65$000
Quotas, despezas de correio, impressos etc.	70$000
Total, saidas	295$000
Saldo em caixa	1:222$800
	1:517$800

Reùniões

O Comite da Federação Operaria se reune todas as quartas-feiras as 8 horas da noite.

Todos os que têm alguma comunicação a fazer podem apresentar-se pessoalmente nas nossas reuniões ordinarias nos dias e às horas acima indicadas.

***

Costureiras de Carregação. — As socias e todas as operarias da classe são convidadas para uma reunião geral na prossima 5.ª Feira, 19, para discutir a respeito do pagamento do nosso trabalho que em muitas cazas é descuidado de uma maneira vergonhoza; tendo até lojas de turcos que não pagam a dois mezes,

E' necessario que ninguem falte, pois, como vêm, o assuto a tratar é de muita importancia.

Metalurjicos. — Os socios do sindicato são convidados para uma assembleia geral da classe que efetuar-se-a no dia 18 do corrente as 7 e meia da noite.

Sera discutida a seguinte

ORDEM DO DIA

Discussão respeito á festa.
Nomeação das delegadas ao 2.º Congresso Operario Estadoal.
Varias.

Não deixem os companheirso de intervir, pois é um dever para todos cuidar do progresso do nosso sindicato.

Transportadores de Tijolos. — E' convocada a assembleia geral dos socios para Domingo 15 as 8 horas da manha para tratar de assuntos importantes.

Marceneiros. — A «Liga dos Trabalhadores em madeira» annuncia com um seu manifesto uma grande reunião da classe para a prossima *sesta-feira 20 de Março*.

E' necessario que os bons companheiros procurem de trazer a esta reunião o maior numero possivel de colegas de trabalho.

Trabalhadores em pedra e granito. — Na assembléia geral do dia 8 de Março foe deliberado que as reuniões do sindicato não se façam mais no segundo Domingo, mas na segunda quinta-feira de todos os mezes.

Alfaiates de encomenda. — Todos os operários alfaiates, socios ou não, são convidados para uma grande reunião geral da classe que se efetuará no Domingo 15 do corrente as 2 horas da tarde no Largo Riachuelo 7-A (sobrado).

Pede-se o comparecimento de todos, pois precizamos tratar de assuntos muito importantes.

Federação Operária

(Sessão do dia 11 de Março)

E' apresentado um pedido por escrito de *um grupo de operários* que desejam fazer, pessoalmente, comunicações ao Comité.

Delibera-se publicar novamente na «Luta» os dias das nossas reuniões ordinarias.

São aprezentados e aprovados os temas para o 2.º Congresso que saem publicados na sessão competente do jornal.

Delibera-se acrecentar nas *normas para o Congresso* que cada delegado não poderá reprezentar mais de uma sociedade.

São lidas as respostas ao nosso referendum das quais rezulta que a grande maioria das associações aconselha que o congresso se realize em S. Paulo.

FOLHETIM N. 7

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

Acrescentamos além disso, que, para impedir qualquer tentativa de encarecimento, as Cooperativas prestam-nos um grande auxilio — visto que, tendo eliminado o patrão e não tendo lucros a realizar, fazem necessariamente concorrencia ao capitalismo.

As observações que ali ficam não têm senão um fim: mostrar aos timoratos que o DIA DE 8 HORAS se pode aplicar, sem que esse facto provoque consideraveis perturbações na Sociedade.

Trata-se, pois, de vêr as coizas claramente: o DIA DE 8 HORAS não é mais do que uma redução dos previlegios do capitalismo e uma atenuação da esploração humana, é a afirmação de que a Classe Operaria quer regular por suas mãos as suas condições de existencia... Mas isto é a emancipação integral: é a porta aberta para o futuro.

Permitindo ao trabalhador viver mais largamente a vida da [illegible]milia, conservando-o de bôa saude, facilitando-lhe a instrução [illegible]ducação, o DIA DE 8 HORAS prepara-o para conquistas [illegible]icaes.

[illegible]s se, por estupida teimosia, a burguezia se obstinasse [illegible]er o Proletariado na situação lamentavel que lhe é [illegible]r uma esploração desenfreada; ou fosse de encontro [illegible]des dos trabalhadores e recusasse as melhorias parti[illegible]e derivarão do DIA DE 8 HORAS, a sua responsabili[illegible]ria grande! A sua intranzigencia reacionaria abriria uma era de conflitos em que ella só tinha a perder: porque o facto da sua obstrução sistematica punha então em jogo a sua propria rasão de ser.

A desocupação

Acabamos de verificar que alem do beneficio pessoal que os trabalhadores esperam da JORNADA DE 8 HORAS, uma das razões que lhes fazem dezejar ardentemente a sua aplicação é a esperança de que ella será um remedio para a falta de trabalho.

E' inutil demorarmo-nos longamente nos sofrimentos materiais, nas augustias morais, nas torturas intelectuais de milhares e milhares de companheiros nossos que, por não encontrarem um esplorador que lhes queira o trabalho, descançam á força... descançam e não comem!

Será talvez essa a nossa sorte amanhã!

E' inutil refazer aqui, o quadro do que tem de monstruosa essa chaga da desocupação, que a falta geral de riquezas não desculpa e que é unicamente a consequencia da dezordem criminosa da sociedade capitalista.

Basta isso para a condenar! Uma sociedade que permite aos seus parazitas o gozo d'um superfluo tão excessivo como insolente, ao passo que outros homens (que têm tanto mais direito a viver, quanto é certo terem contribuido para a criação desta riqueza) não tem abrigo nem pão!...

Uma sociedade assim traz em si o germem da sua morte morrerá fatalmente!

Emquanto esperarmos, visto que os ricos zombam das victimas do seu luxo, compete-nos a nós, trabalhadores, encontrar um meio de desoprimir da mizeria os nossos irmãos sem trabalho.

Ora, que ha mais simples e mais fraternal do que arranjar um logar a estes companheiros, na oficina, na uzina, no armazem, etc. reduzindo nós proprios a duração do nosso trabalho!

Mas, dada a grande complexidade dos fenómenos da produção, este processo, eficaz em muitas circunstancias, não o será em todas. De facto, como dissemos anteriormente, casos ha em que, com a JORNADA DE OITO HORAS, a produção atingirá o mesmo nivel que em nóve ou des horas.

Entretanto, ainda que se siga uma diminuição do numero de desocupados, a redução das horas de trabalho terá indiretamente, atenuado essa calamidade

Com efeito, devemos não esquecer que graças ao continuo desenvolvimento do maquinismo, o numero dos sem trabalho tenderia a aumentar, se não o refreassemos trabalhando menos.

Um ezemplo cofirmará este raciocinio: Actualmente, a jornada dos tipógrafos á mão é de 10 horas e é só de 8 horas para os tipógrafos á maquina - linotipo. (A duração do trabalho na composição dos jornaes quotidianos é de 7 horas.) E' bem evidente que se um linotipista trabalhasse 10 horas, tanto como um tipógrafo á mão, o numero dos desocupados aumentaria.

Factos identicos se podem verificar em todos os ramos da produção.

Demais, temo-nos certificado de que o descanso leva o trabalhador ao desejo de consumo; com a redução a 8 horas da jornada de traballho, o operario aumentará as suas necessidades e a satisfação d'ellas terá uma repercusão na produção, que deverá aumentar proporcionalmente.

Assim, ou dirétamente ou por recochete, a redução do dia de trabalho a oito horas terá como consequencia a repressão da desocupação.

Portanto, ainda que não saissemos da campanha empenhada senão com esse beneficio de solidariedade — e nada mais! — elle bastaria para legitimar todos os esforços que pudermos fazer pela conquista das OITO HORAS.

Entretanto, não devemos concluir do facto de influir a redução da duração do trabalho na intensidade da desocupação que ella será um remedio para este mal.

Ah, não! A chaga edionda da desocupação é inerente ao Capitalismo: não desaparecerá senão com elle.

(Continúa)